

## EXPERIÊNCIAS DE INTERCULTURALIDADE CRÍTICA E DESEJOS DECOLONIAIS NO CINEMA EM SALA DE AULA

Tainá Gomes Brasileiro <sup>1</sup>  
Gabriel Lucas Lima da Silva <sup>2</sup>  
Catarina Amorim de Oliveira Andrade <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar as experiências de pesquisa e prática vivenciadas no contexto do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pelos discentes dos cursos de graduação em Letras - Português (Licenciatura) e Cinema e Audiovisual (Bacharelado) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto intitulado “Cinema como cosmopoética e práticas decoloniais: experiências de interculturalidade crítica e desejos decoloniais no cinema” vem sendo realizado mediante leitura, análise e discussão de material teórico e fílmico, voltado para pensar as práticas e possibilidades outras do cinema no âmbito educacional, de forma a ressignificar a sua expressão e seus usos dentro dos espaços educativos, especialmente a sala de aula. Assim, partindo do pressuposto do cinema enquanto fenômeno artístico, da experiência sensível e cultural, queremos refletir sobre alguns procedimentos metodológicos empregados no contexto pedagógico, de maneira a (re)construí-los e sugerir novos caminhos e propostas de trabalho sob o olhar de práticas culturais, interculturais e decoloniais. Entendemos que o cinema pode ser um mecanismo articulador de identidades capaz de inventar e transformar realidades comuns através de alteridades que se encontram e se encerram. Nesse sentido, o desenvolvimento do projeto conta com estudos dos campos teórico-metodológicos de Cinema-Educação, Estudos Culturais e Estudos Decoloniais, por meio principalmente dos seguintes autores: Bergala (2008), Larrosa (2002), Rancière (2005) Shohat & Stam (2006) e Walsh (2009).

**Palavras-chave:** Cinema, Educação, Experiência, Interculturalidade, Decolonialidade.

### INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa “*Cinema como cosmopoética e práticas decoloniais: experiências de interculturalidade crítica e desejos decoloniais no cinema*” procura investigar os usos de produtos audiovisuais em sala de aula e como essa ferramenta pode contribuir para a fricção de sensibilidades e constituir novas noções do comum. Pensando nessa funcionalidade propositiva da imagem, em específico a cinematográfica, o projeto dialoga com as indagações de Alain Bergala na sua obra *A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Através dela discutimos como o cinema pode ser um instrumento pedagógico fechado

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, taina.brasileiro@ufpe.br;

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, gabriel.lsilva@ufpe.br;

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, catarina.oandrade@ufpe.br.

em si mesmo, viabilizando o encontro com a alteridade, e não sendo apenas um dispositivo de auxílio a uma didática expositiva. Nesse caso, o cinema seria um articulador do olhar cultural dos alunos, refletindo sobre sua comunidade, identidade e o mundo por intermédio da interculturalidade crítica (Walsh, 2009).

De antemão, o estudo conversa com as inquietações de Larrosa (2002) sobre o temor em relação à voga da informação e da opinião nos ambientes educativos, em detrimento do ensino enquanto experiência sensibilizante. Em tais circunstâncias, o cinema e outras atividades artísticas poderiam ser introduzidos na escola, subvertendo as dinâmicas de acúmulo quantitativo, restaurando o fascínio dos estudantes. A pesquisa não visa dogmatizar uma forma metodológica de ensino, mas investigar de qual maneira a escola se relaciona com a criação artística para além dos seus paradigmas, posto que “a arte não pode depender unicamente do ensino, no sentido tradicional de disciplina inscrita no programa e na grade curricular dos alunos” (Bergala, p.29, 2008). Assim, entende-se o cinema como uma pausa para os fluxos ininterruptos da escola tradicional e um agente transgressor de determinados modelos de aprendizagem. Esses questionamentos fundamentam a inserção do projeto no Grupo de Estudo LEVE - Laboratório de Experiência, Visualidade e Educação, que organiza estudos na área de Cinema e Educação, analisando desde as consequências na aprendizagem dos estudantes até métodos de incorporação do cinema como recurso formador de sensibilidades.

Para mais, observamos de que forma a ausência de certos referenciais que inibem a fabricação de um olhar crítico sobre o campo das imagens e seu possível caráter decolonial. Em razão disso, examinamos o eurocentrismo nos espaços pedagógicos que outorgam a divisão do mundo entre o ocidente e o resto (Shohat; Stam, 2006). Ademais, procuramos ver o cinema como uma alternativa para a reestruturação dessas hierarquias, buscando novos referenciais que estimulem a interculturalidade crítica (Walsh, 2009) dos estudantes e fomentem reflexões sobre relações de identidade (Hall, 2003) da sua comunidade.

Entendemos, portanto, que o cinema pode ser uma ferramenta cosmopoética que articula a noção do comum (Andrade; Brito Alves, 2021) e entendo a escola como um lugar o qual apresenta o mundo aos estudantes por ser um espaço apartado de outros locais (Larrosa; Rechia, 2018, p.65). Verificando esses raciocínios, a pesquisa busca pensar a escola e o cinema por seus formatos e seus artificios, por meio das noções de espectador (Rancière, 2012) e da postura pedagógica da arte sobre os indivíduos. Desse

modo, combinamos as aproximações estáticas dos estudos culturais, pós-coloniais e decoloniais com o propósito de pensar práticas pedagógicas oriundas do diálogo entre cinema e escola.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa adota diferentes abordagens para o estudo científico e a compreensão dos fenômenos investigados ao longo de sua execução. Por esse motivo, partimos da análise da materialidade fílmica – ou seja, os filmes – como um dos principais objetos de estudo. Esses filmes, cuidadosamente selecionados para compor as análises e a proposição de oficinas incluídas nos resultados alcançados, revelam dimensões culturais, estéticas e filosóficas exploradas ao longo do trabalho, o que demandou uma pesquisa bibliográfica abrangente. Logo, buscamos não apenas englobar a análise fílmica desse material, mas também integrar os pressupostos teórico-metodológicos que orientam o uso do cinema como prática educativa.

Nesse contexto, adotamos uma abordagem exploratória e qualitativa, que incluiu a leitura, fichamento e discussão do referencial teórico e fílmico em encontros regulares durante a execução da pesquisa. Além disso, utilizamos uma abordagem descritiva-interpretativa, não apenas para delimitar e explorar nosso corpus de pesquisa – os filmes –, mas também para articulá-lo com o material teórico-metodológico pertinente.

Ressaltamos, ainda, que a materialidade estudada foi identificada em portais e acervos diversos, que disponibilizam curtas e longas-metragens de variadas origens, culturas, gêneros e propostas. Entre esses acervos, destacam-se a *Katahirine: Rede Audiovisual das Mulheres Indígenas* e o *Bombozila*. Com base nesses estudos, objetivamos, posteriormente, a produção escrita de nossas análises, tanto nos relatórios exigidos pelo programa de iniciação científica quanto em publicações no formato de artigos científicos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Defendemos a ideia de que o cinema se configura como um artifício que apresenta mundos tangíveis por meio da leitura que o próprio faz acerca da realidade. Seguindo esse sentido, Fresquet (2017) indaga sobre a mediação possível entre o cinema e o conhecimento, pensando nas suas capacidades comunicativas que instigam a imaginação. Através disso, entende-se o encontro com filmes na escola como algo “que se expande naquilo que o cinema inventou de mais forte em sua história: formas de ver e inventar o mundo.” (Migliorin, 2015, p. 185). Assim, colocamos o cinema como uma ferramenta cosmopoética, “já que se trata de produzir o mundo como mundo comum, e

verificar a possibilidade de uma articulação deste pensamento com a opção decolonial” (Andrade; Brito Alves, 2021, p. 86).

Previamente, questionamos a hierarquia dicotômica entre a Europa e o resto do mundo (Shohat; Stam, 2006), posto que essas dinâmicas singularizam determinadas sensibilidades em detrimento de outras. Em função disso, analisamos o pensamento decolonial no contexto educativo como um articulador da crítica à colonialidade, assim como proposto por Walsh (2009), o qual argumenta sobre a interculturalidade nesses espaços. Além disso, buscamos converter o caráter binário constituído pelo olhar eurocêntrico, repensando novas formas de organização através do questionamento das relações identitárias de raça e origem (Hall, 2003). Cientes da funcionalidade dessas estruturas, colocamos a escola como um espaço onde é possível “Re-conceitualizar e re-fundar estruturas sociais, epistêmicas e de existências que colocam em cena e em relação equitativa lógicas, práticas e modos culturais diversos de pensar, agir e viver.” (Walsh, 2009, n.p., tradução nossa). Dessa maneira, na pesquisa, desejamos analisar as pedagogias nacionalistas que comumente apresentam o mundo dentro dessa divisão simplista e reconstituir formas mais completas para entender questões sociais, reconhecendo as complexidades das fronteiras culturais e políticas dessas duas esferas antagônicas (Bhaba, 2007).

Adicionado a isso, vemos a ideia de experiência, segundo Larrosa (2002), como algo que interrompe as operações das escolas tradicionais onde existe uma exposição anestesiante de informações e opiniões. O que nos cativa nessas suposições é a categorização da experiência como aquilo “que nos acontece” (Idem, p. 21) e usamos o cinema como um produtor de experiência que rearranja as lógicas de ser e estar, considerando tanto o sujeito quanto sua relação com o outro.

A capacidade de estimular a emancipação do cinema também é algo que nos interessa argumentar na nossa pesquisa, em virtude disso que trabalhamos com as obras de Rancière, *O mestre ignorante – Cinco lições sobre a emancipação intelectual* (2011) e *O espectador emancipado* (2012). Nos textos, o autor discorre sobre as dinâmicas de mestre e aprendiz e entre produtores de imagens e espectadores, por esse motivo as obras se relacionam diretamente com nossa linha de estudo sobre o regime da imagem e as formas de aprendizagem. Relacionamos esse raciocínio à experiência de Larrosa, mas pensando como os modelos hierárquicos erradicam a experiência pelo afastamento entre alunos e professores, distância essa que é viabilizada pela pedagogia de transmissão que não corrobora a troca de saberes em sala de aula. Esse compartilhamento de

conhecimentos é construído considerando a igualdade das inteligências, que é responsável pela emancipação intelectual (2012). Já no âmbito da espetatorialidade, essa emancipação nasce da oposição entre o olhar e o agir, quando se entende as estruturas nas quais determinadas discussões são feitas, e como elas reproduzem sistemas de dominação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com efeito, ressaltamos que os objetivos e delimitações propostas para este projeto foram divididos em dois sub-projetos de pesquisa, sendo eles: (i) Experiências em cinema e educação: o filme como dispositivo de construção, articulação e subversão de memória e identidade; (ii) Sobre as trilhas da imagem e do literário: potências de intertextualidade entre a literatura e o cinema nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Para cada uma dessas pesquisas, foram selecionados temas, objetivos, recortes metodológicos, entre outros recursos, que se articulam com o desejo principal do projeto de pesquisa, ou seja, de articular o cinema enquanto prática intercultural e, na mesma medida, pedagógica.

Por um lado, a primeira linha de pesquisa dedicou-se, sobretudo, a um estudo reflexivo sobre o cinema e as indagações deste enquanto cosmopoética. Assim, percebemos que os filmes, quando trabalhados de maneira crítica na sala de aula, podem articular afetos coletivos e construir novas noções da realidade. Percebendo a memória como algo em constante diálogo com as imagens do exterior, é possível entender o modo como esse contato influencia nessa consciência:

Detenhamo-nos sobre esse último ponto. Eis as imagens exteriores, meu corpo, e finalmente as modificações causadas por meu corpo às imagens que o cercam. Percebo bem de que maneira as imagens exteriores influem sobre a imagem que chamo meu corpo: elas lhe transmitem movimento. (Bergson, p. 14, 1999)

Acerca disso, focamos em outros aspectos que corroboram essa dimensão, como a lógica de Bergala (2008) que critica a necessidade das estruturas tradicionais de ensino em delimitar a educação artística em uma esfera conteudista como as demais disciplinas, pensando na sua partilha como algo a ser integrado às funcionalidades da instituição e não algo capaz de perturbar suas dinâmicas.

Pessoalmente, enquanto professor universitário, fui vividamente questionado por estudantes de cinema que consideravam escandaloso que seus estudos especializados não lhes abrissem as portas para uma forma de professorado de cinema. Eles reagiam, naquele momento, em nome da coerência do sistema escolar que os formou - no qual "ensino" é igual a "concurso e professor especializado" - sem se perguntarem se seria uma boa coisa para a arte que escolheram encaixá-la num ensino de tipo tradicional. (Bergala, 2008, p. 51)

Em síntese, este primeiro estudo reconhece o constante choque com a “desutilidade poética das coisas” (Fresquet, 2013, p. 69), questionando não apenas o propósito da arte, mas também o aprimoramento da leitura estética. Como afirmado por Barbosa (1998, p. 24), “o fazer chega ao fim quando o resultado é considerado bom”; no entanto, como classificar o que é “bom” sem cair nas dinâmicas avaliativas do ensino tradicional? O que se considera “bom” deveria ser aquilo que provoca sensibilidade. Contudo, conforme discutido em passagens anteriores, não se pode exigir que determinado material audiovisual cause um abalo emocional nos alunos (Bergala, 2008). Dessa forma, a função do cinema nessa lógica de qualidade se revela igualmente problemática, dado que tal avaliação se fundamenta em um perfil subjetivo, que retorna a uma perspectiva de não hierarquização entre as experiências prazerosas de cada indivíduo.

Com relação à segunda linha de pesquisa, de forma que a sua ideia principal consistia em desconstruir o tradicionalismo evidente em certas escolhas de textos e filmes comumente abordados nas escolas, seguimos com o intuito de pensar em outras literaturas e outros cinemas que não possuem espaço garantido de inserção nessas instituições. Com isso, selecionamos três trilhas – ou caminhos – de abordagem para esse processo de curadoria. A escolha, em suma, se deu pela reflexão de qual material artístico, na contemporaneidade, são evidentemente marginalizados pela indústria cultural, pelas instituições políticas e, a rigor, pela própria escola brasileira. Entendemos essa marginalização, de um ponto de vista crítico, como reflexo também de diferentes espaços marginalizados e periféricos. Assim, pretendemos direcionar nosso olhar não apenas para os recursos e intentos estético-formais desses textos, como também para essas reflexões sobre a marginalização. Nesse sentido, foram selecionadas as seguintes trilhas de abordagem: a primeira, voltada à representação da cultura, do sujeito e das tradições indígenas nacionais; a segunda, direcionada a refletir sobre África e à relação dos sujeitos com o espaço e sua cultura, partindo também de processos afro diaspóricos colonizadores; a terceira, focada no processo de identificação de sexualidade por pessoas queer brasileiras na contemporaneidade. Assim, pretendemos direcionar nosso olhar não apenas para os recursos e intentos estético-formais desses textos, como também para essas reflexões sobre a marginalização e os processos de identificação dos sujeitos, que perpassam a sua própria relação com os espaços e as leituras que fazem do mundo em que vivem.

Além do recorte temático das trilhas, também determinamos um recorte dos gêneros textuais – fílmicos e literários – a serem considerados na seleção das obras. Nesse sentido, foi acordado que, para cada trilha, seria abordado um gênero textual diferente, seguindo a seguinte organização: (i) o conto para pensar a cultura indígena e suas manifestações; (ii) a poesia africana e as relações afro diaspóricas; (iii) o romance queer e a identificação dos sujeitos. Também é importante destacar que a escolha desses gêneros parte dos documentos oficiais – CP e BNCC – e busca garantir um repertório diverso de possibilidades de abordagem ao texto

literário na disciplina. No que tange à curadoria fílmica, esta se deu sobretudo por meio de filmes disponibilizados em domínio público ou facilmente acessíveis por meio de plataformas digitais, em especial o YouTube. Com efeito, para essas trilhas, buscamos tecer relações entre os seguintes filmes e textos literários: KBELA (2015), de Yasmin Thayná e Amigas e Para a menina, ambos poemas de Conceição Evaristo; Mãtãñg, a encantada (2019), de Shawara Maxakali e Charles Bicalho, e o conto Omáua, a menina que mora no fundo dos rios, de Eliane Potiguara; por fim, o longa-metragem O menino e o vento (1967) de Carlos Hugo Christensen e o romance A palavra que resta, de Stênio Gardel.

Por fim, essas propostas contribuíram diretamente para a implementação do projeto de extensão *Re-Imaginar: Oficinas de Cinema-Educação*, vinculado ao Laboratório de Experiências, Visualidades e Educação (LEVE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com financiamento da Lei Paulo Gustavo do estado de Pernambuco. Através desse projeto, foi possível desenvolver e conduzir, em colaboração com outros docentes e discentes da universidade, diversas oficinas voltadas para professores do ensino médio da rede pública estadual de Pernambuco. Nesse processo, os pressupostos teórico-metodológicos sobre cinema-educação explorados em nossa pesquisa, assim como a prática de conceber o cinema como um dispositivo educativo, desempenharam um papel fundamental na construção e sustentação das atividades propostas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao compreender o cinema como um dispositivo artístico, concluímos que, diante das investigações realizadas sobre o campo da linguagem artística – incluindo a cinematográfica e a literária – e das práticas pedagógicas que emergem do encontro entre esses objetos e o espectador, procuramos construir diferentes possibilidades de assimilação dos discursos e das experiências que compõem a imagem cinematográfica, de forma expandida, intercultural e interdiscursiva. A partir dessa perspectiva transdisciplinar, percebemos como o desenvolvimento do sujeito, as transformações em sua forma de observar e compreender o mundo, bem como a maneira como se posiciona e age em diferentes contextos de sua vida, são profundamente moldados pela experiência sensível, sendo, portanto, influenciados pelo contato com outras culturas e, conseqüentemente, por novas experiências, visões de mundo e manifestações do sensível.

Por meio da exploração realizada durante esta pesquisa, tornou-se possível elaborar propostas pedagógicas que incorporam de forma significativa o cinema como uma possibilidade pedagógica crítica e intercultural, além de concretizar o desejo de transformar a escola e outros espaços educativos em locais de assimilação e expressão cultural, de desejos estéticos, de



experiências e desdobramentos sensíveis que aproximam os sujeitos e, ao mesmo tempo, possibilitam o encontro deles consigo mesmos e com sua própria subjetividade, ou seja, com sua forma de enxergar o mundo e de nele existir. Nosso objetivo, portanto, é que, considerando as práticas aqui delineadas e os desafios impostos pelas diversas instituições educacionais do país, docentes e demais profissionais da educação possam encontrar caminhos para vivenciar, em suas salas de aula, a fruição e as experiências sensoriais proporcionadas pelo cinema e pela literatura.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Catarina; BRITO ALVES, Álvaro. O cinema como cosmopoética do pensamento decolonial. Revista Logos (UERJ), v. 27, n.03. Disponível em:  
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/54458/36789>

BERGALA, Alain. A hipótese-cinema. Rio de Janeiro: Booklink, 2008. BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n.19, p. 20-28.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo 1. Quito: Abya Yala, 2013.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. [online], n. 19, pp. 20-28, jan./abr. 2002.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo : Cosac Naify,2006.

MIGLIORIN, Cezar. Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.